

PAULO FREIRE E GILLES DELEUZE: o que se passa entre eles?

Gilbert Daniel da Silva

Resumo

Neste trabalho, é nosso objetivo encontrar as linhas flexíveis que possibilitem o diálogo. É nesse sentido que propomos os termos entre os autores, Paulo Freire e Gilles Deleuze. Os apontamentos são frutos da nossa pesquisa de doutorado, quando produzimos uma etnografia em um cursinho popular, realizada no Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. O devir como processo histórico encontra em Freire o movimento dialético em permanente transformação; o processo passa a ser pensado segundo a práxis que articula a teoria e a ação com o objetivo de intervir na realidade. O devir nessa perspectiva é histórico, antropológico e político. Substituindo a dialética por uma multiplicidade esquizo, e a transformação da realidade por agenciamentos coletivos, esse devir-revolucionário não está articulado com projetos, ou seja, trata-se na verdade de uma produção desejante e delirante. O que há de revolucionário nele não seria a promessa de uma nova estrutura social ou de rupturas com o capitalismo, mas de um gozo esquizo e materialista, avesso a qualquer ordem econômica produtiva. Ou melhor, o que estamos querendo dizer é que não haveria nada mais revolucionário do que o desejo e o gozo de quem deseja e goza a hora que bem quer e com isso impede o sistema de fluir nas linhas do acúmulo e da dominação. Uma divergência que surge entre ambos os autores se refere ao aspecto da “busca do Ser Mais“ em Freire. Para Deleuze, o devir-revolucionário faz movimentos cruzados e cortados por linhas de rupturas, cujas pausas e velocidades não podem ser coordenadas ou mediadas por princípios humanistas. Dessas elaborações conclui-se que ambas as teorizações se complementam em determinados aspectos, por exemplo, na condição em devir que Freire e Deleuze justificam, quando, na partida, revelam-se próximos. Entretanto, o ponto de chegada previsto por eles, não parece contemplar objetivos semelhantes, sendo necessário desenvolver os limites entre ambas as concepções estudadas.

Palavras-chave: Devir; educação; etnografia.

Introdução

Neste trabalho, é nosso objetivo encontrar as linhas flexíveis que possibilitem o diálogo. É nesse sentido que propomos os termos entre os autores, Paulo Freire (1978, 1995) e Gilles Deleuze (1988/1989, 2004). Trata-se de produzir essas linhas e produzir o diálogo, seguindo essas linhas na direção de um pensamento que se desdobra sobre si mesmo, nas multiplicidades que os autores inspiram, neste caso particular.

Na pesquisa do doutorado, investigamos as relações entre a educação popular e as práticas de horizontalidade desenvolvidas em um cursinho popular, localizado na cidade de Belo Horizonte. De nossa tese decidimos dar maior contorno - pelas vizinhanças e itinerários - a algumas possibilidades de diálogos entre, de um lado, a educação popular de Paulo Freire e, de outro, algumas noções inspiradas em Gilles Deleuze e Felix Guattari.

As vizinhanças se referem às afinidades compartilhadas, bem como aos conflitos que se estabelecem, pelo meio das idiossincrasias de cada um. Ao mesmo tempo em que se aproximam, afastam-se e operam segundo suas próprias conexões. Do mesmo modo, as teorias e abordagens podem se avizinhar entre si, desdobrando-se em territórios e encontros nem sempre previsíveis. Trata-se, sobretudo, de um movimento excêntrico, motivado pela aventura de um tipo de pensamento que podemos chamar de rizomático, ou seja, um pensamento não-hierárquico que se desenvolve pelo “meio”, distanciando do pensamento arbóreo, o qual apresenta uma estrutura verticalizada. Na concepção rizomática do conhecimento, os processos são valorizados e experimentados, realçando as simultaneidades ao invés do princípio evolutivo e linear. O rizoma, podemos dizer, encontra afinidade com as experiências, as sensações e as virtualizações.

Os itinerários são aqueles deslocamentos que produzimos entre determinadas distâncias no espaço da cidade. Neste trabalho, promovemos alguns movimentos entre teorias, partindo da concepção da educação popular em Freire, na direção de alguns conceitos de Deleuze e Guattari. Podemos fazer uso da imaginação para desenhar uma cartografia, como sendo a cidade um campo no qual as teorias se desenrolam e se proliferam. Um campo de imanência para os conceitos e suas desterritorializações.

Finalizando esta introdução, apontando que, das elaborações conclui-se que ambas as teorizações se complementam em determinados aspectos, por exemplo, na condição em devir que Freire e Deleuze justificam, quando, na partida, revelam-se próximos. Entretanto, o ponto de chegada previsto por eles, não parece contemplar objetivos semelhantes, sendo necessário desenvolver os limites conceituais para cada caso e suas possibilidades de contato. Esses movimentos são sempre refeitos e reelaborados, como quem persegue uma atualização de um virtual que lhe escapa por entre os dedos.

Desenvolvimento: vizinhanças e itinerários

Pelas vizinhanças e itinerários arriscamos algumas abordagens entre os autores aqui reunidos. Somam-se a essas experimentações, o sentido da cidade como invenção proposto por Certeau (1994, 2008), o qual potencializa nossas apropriações, seja enquanto pedestres que se deslocam pelas ruas ou enquanto leitores que exploram “países bibliográficos”. Esses “países” anunciam novas fronteiras e desterritorializações, ou seja, muito mais do que um sintoma de “bulimia livresca”, à exemplo do que nos ensinam Quivy e Campenhoudt (1992, p. 49), estamos, ao contrário disso, falando de um trabalho com os autores que escolhemos para ao nosso lado prosseguir, de mãos dadas, como velhos amigos que compartilham juntos as descobertas ao longo do caminho.

Na pesquisa no doutorado, produzimos uma etnografia em um cursinho popular, pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Nessa pesquisa, as tensões entre, de um lado, a experiência bancária do cursinho e, do outro, as proposta das pedagogias libertárias e as da educação popular, realçaram-se desde nossos primeiros momentos no trabalho de campo. Até certo ponto, as tensões também motivaram nossos questionamentos que agora desenvolvemos neste artigo, dando continuidade a proposições que nos parecem válidas para trazer ao leitor.

O devir como processo histórico encontra em Freire (1978) o movimento dialético em permanente transformação; o processo passa a ser pensado segundo a práxis que articula a teoria e a ação com o objetivo de intervir na realidade. Essa intervenção se consolida no processo de

mediação do conhecimento entre educador e educando. O devir nessa perspectiva é histórico, antropológico e político.

Histórico porque é um processo que se conformou ao longo do tempo e é produzido por homens e mulheres. Antropológico porque envolve os sentidos da cultura e as formas como ela configura as mentalidades. E político porque depende das posições que são assumidas pelos grupos sociais. Sua dinâmica revela as tramas sutis e os meandros muitas das vezes imperceptíveis aos nossos olhos mergulhados no cotidiano. A dominação acaba sendo naturalizada como fenômeno dado a priori, e essa percepção da dominação impede a muitos de nós ver e analisar as contradições do real.

Substituindo a dialética por uma multiplicidade esquizo, e a transformação da realidade por agenciamentos coletivos, esse devir-revolucionário não está articulado com projetos, ou seja, trata-se na verdade de uma produção desejante e delirante. Essa produção se avizinha de outros campos do saber, entre os quais destacamos a literatura, as artes plásticas, o cinema e o teatro. Nas artes, os movimentos excêntricos se tornam possibilidades para a experimentação, nas fronteiras entre a vida e a criação artística. Mas o que se produz nesses movimentos? Em que medida o desejo possibilita, no cruzamento com as artes, uma revolução do corpo e das sensações?

Avançando nesses questionamentos, podemos dizer que as artes são um território para que as linhas de fuga sejam experimentadas. Ao criar um personagem, um autor de ficção arquiteta blocos de sensações para dar corpo as ideias que formula. Desse modo, o autor realiza sua criação a partir dos movimentos que as narrativas acionam, afinal, cada leitor tem sua experiência com a leitura e também produz seus movimentos e linhas de fuga. Em outras palavras, a arte é a possibilidade de experimentar novos corpos, novas imagens, novas histórias, sempre inacabadas, sempre em devir. O que há de revolucionário no desejo não seria a promessa de uma nova estrutura social ou as rupturas com o capitalismo, mas de um gozo esquizo e materialista, avesso a qualquer ordem econômica produtiva. Ou melhor, o que estamos querendo dizer é que não haveria nada mais revolucionário do que o desejo e o gozo de quem deseja e goza a hora que bem quer e com isso impede o sistema de fluir nas linhas de acúmulo e de

dominação. Ao invés dessas, são linhas anticapitalistas, pequenos espaços para a produção de si, nas territorializações e desterritorializações que povoam nossos corpos.

Ao nos debruçarmos sobre os limites esboçados entre Freire e Deleuze, o que se manifesta em primeiro lugar é o estranhamento de tal proposição, tendo em vista que, em uma mirada inicial, não se supõe a chegada em um lugar razoável. Uma divergência que surge entre ambos os autores se refere ao aspecto da “busca do Ser Mais“ em Freire, o qual “não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos.” (FREIRE, 1978, p. 86). Em outras palavras, Freire sinaliza a condição necessária para que o diálogo se torne viável, quando as relações se baseiam na horizontalidade. Mais do que isso, a participação é condição para que haja espaços para a transformação das realidades, na superação das variadas formas de dominação, o que também produz a humanização de cada homem e mulher que assumem a história como contradição e reelaboração de suas vidas.

Quanto ao que Deleuze assinala, podemos dizer que se trata da produção de uma zona de vizinhança, uma experimentação de si, em contornos que se aproximam de uma dimensão esquivo, mas no campo estético. O que nos faz arriscar a suposição de que o investimento não está no campo social, mas sobretudo, no campo da expressividade artística. Para Deleuze, o devir-revolucionário faz movimentos cruzados e cortados por linhas de rupturas, cujas pausas e velocidades não podem ser coordenadas ou mediadas por princípios humanistas ou mesmo por objetivos planejados.

Por conseguinte, os efeitos disjuntivos previstos em alguns conceitos deleuzianos, no sentido das virtualizações, não canalizam as potências nos objetivos propostos por Freire, autor que tinha em seu horizonte a busca por uma transformação da sociedade. Quando refletimos sobre o método de Freire e sua rigorosa elaboração, salta aos olhos como isso funciona e como isso se encaminha na direção das demandas que surgem dentro dos grupos sociais. Essa direção parece-nos bem divergente ao que observamos nos textos de Deleuze, sobretudo quando esse autor realça o processo da experimentação com o corpo a partir da arte e sua invenção. Mas será que é só isso?

O problema em questão, desenvolve-se a partir dos cruzamentos entre o devir-histórico, em Freire, e o devir-revolucionário, em Gilles Deleuze e Felix Guattari, levando-se em conta as abordagens próprias de cada autor. Buscamos, nesse sentido, descrever como operam esses conceitos quando confrontados ou, por outro lado, quando se alinham em determinados pontos e convergem de forma intensa e produtiva. As intensidades fabricam novas conexões, sempre provisórias, fruto das experiências que se apresentam e engendram novas possibilidades de produção do desejo.

O marco teórico, por sua vez, está pautado em uma perspectiva freireana, segundo a qual a construção do conhecimento se baseia no diálogo. Esse processo é dialético, e por ele a teoria pensa a prática, na configuração de uma práxis, ou seja, uma prática crítica e reflexiva capaz de se desdobrar sobre ela mesma e produzir novos questionamentos. Nessa linha, precisamos destacar que esse processo objetiva, pela educação e pelo diálogo crítico, criar meios para que a conquista da cidadania se consolide. A educação contribui de maneira determinante para o sucesso desse processo, não que ela seja o único caminho, mas aquele do qual não podemos abrir mão para alcançar o objetivo. “A cidadania se cria com uma presença ativa, crítica, decidida, de todos nós com relação à coisa pública. Isso é difícil, mas é possível.” (FREIRE, 1995, p. 74). O que nos leva a demarcar como os processos de conscientização demandam uma reflexão sobre a ação pedagógica, não estando atrelados somente neles. Precisamos destacar também que a gestão democrática é percebida como essencialmente conflituosa, ou seja, toda a dinâmica envolvida se desenrola segundo a construção inerente aos movimentos e suas contradições. Trata-se de um jogo, ou seja, é preciso saber jogar na direção de superar as formas de dominação, o que não acontece sem um grande investimento no campo social, sob as tensões que o compõe. “Como atitude fundamental destaca-se a capacidade de escuta e de conversa entre os atores no estabelecimento de diálogo que seja capaz de enfrentar e propor soluções aos problemas em questão.” (PONTUAL, 2011, p. 7). Trata-se da dialética que se questiona e questiona o movimento da prática para a teoria, ou da teoria para a prática, refazendo seus próprios caminhos, na construção de um conhecer e viver renovados. O que não deve ser confundido com um processo neutro ou amistoso; todo o espaço de transformação social abriga as disputas internas, mesmo quando muitos se unem em busca do mesmo objetivo. É próprio da

cultura ser esse palco de pequenos conflitos, no caminho para consolidar pontos de vista mais coletivos.

Um outro problema diz respeito às situações quando, dentro dos grupos, nos limitamos a construir oposições entre “isso” ou “aquilo”, sem se aprofundar nas contradições que cada lado traz em sua essência, sem que primeiro se investigue com cuidado quais os valores e ideologias estão postos no debate. Resultam-se dessa oposição a doutrinação dos saberes e a exclusão de uma perspectiva crítica. Por outro lado, acreditamos que as contradições deveriam funcionar como combustível para as máquinas, exatamente elas, entre fluxos e cortes, mas sempre emitindo signos.

O processo do diálogo segundo a educação popular nos impulsiona a nos perguntarmos sobre os saberes que, previamente, julgamos legitimados. Ou seja, quando um educador prepara a sua aula, será que ele se dá conta do que já sabem os educandos? Ou será que ele deseja apenas que os educandos saibam aquilo que ele já sabe e assim não tenha que fazer nenhum esforço para rever suas próprias categorias? Mais do que isso: é ter consciência de que não basta saber “derrubar o pau”, mas estar junto com eles, com os educandos, na hora do pau tombar no chão. Nas palavras de Freire (2001, p. 67): “Um dos obstáculos à nossa prática está aí. Vamos às áreas populares com os nossos esquemas ‘teóricos’ montados e não nos preocupamos com o que sabem já as pessoas, os indivíduos que lá estão e como sabem.”

Passamos, a seguir, a contextualizar as possibilidades de articulação entre a perspectiva do devir em Freire e o devir-revolucionário em Gilles Deleuze e Felix Guattari.

Para Deleuze (DELEUZE; PARNET, 2004), a expressão “revolucionário” inclui, também, a consciência sobre como o desejo, no sentido da esquizoanálise, impulsiona-nos na direção de um devir permanente ou mesmo uma transformação. Nesse contexto, o que se produz, são microrrevoluções da ordem dos agenciamentos e das multiplicidades. Não há exatamente a promessa de uma revolução com impactos nacionais ou mundiais, visto que essa revolução é produzida por instituições políticas organizadas em manifestos, planificações e estruturas de poder. Essa seria a revolução molar, isto é, a revolução maior, vinculada a governos e partidos políticos. Não é dessa revolução que trata o devir-revolucionário em Deleuze e Guattari.

Um exemplo que podemos citar segundo a perspectiva dos autores franceses foi o que aconteceu no Maio de 68, em Paris, exemplo também muito lembrado por Deleuze (1988-1989). A revolta estudantil iniciada nas universidades ganhou uma projeção, apesar de se manter até certo ponto afastada de pautas sindicais e partidárias, ainda que em vários momentos essas instituições tentassem se apropriar da direção do movimento.

Por sua vez, o devir em Freire também se abre para a incompletude e para a transformação. Esse devir anuncia a dimensão da história que temos nas nossas mãos, a qual nos oferece um campo para a ação coletiva na superação das desigualdades e opressões.

O devir como processo histórico encontra em Freire o movimento dialético em permanente transformação; o processo passa a ser pensado segundo a práxis que articula a teoria e a ação com o objetivo de intervir na realidade. É um projeto coletivo, com uma proposição que leva em conta as relações de poder e a superação das formas de dominação. São práticas libertadoras segundo articulações comunitárias, tendo por base o trabalho colaborativo.

Nesse processo dialético, o que se busca é mediar as tensões para superar e transformar em comunhão aquilo que precisa ser transformado, no contexto daqueles que foram pesquisados. O conhecimento produzido encaminha-se na direção de atender e superar contextos opressivos, e, por conseguinte, “se aproximar da realidade que sobrepõe epistemologia e metodologia, subsumida a um compromisso ético político com grupos oprimidos e com a superação de todas as formas de opressão.” (SAUL; SAUL, 2017, p. 431).

Quanto ao devir, ele se situa justamente nessa fronteira mediada no processo dialógico. A construção do conhecimento que intervém na dinâmica social não pode ser pensada de modo cristalizado; ela precisa ser formulada e reformulada segundo as pressões de cada momento. Não se trata de chegar a um ponto e nele se estacionar, mas de movimentar as estruturas da dominação, em uma luta permanente, a cada novo dia. Afinal, a luta pela transformação da realidade nunca está alcançada por completo, uma vez que o homem é um ser da transformação. Por outro lado, sendo um ser da transformação não significa dizer que ele busque nessas transformações as condições mais justas para a coletividade. A história nos dá centenas de exemplos de como as condições são manipuladas em favor de poucos homens e em detrimento dos mais fracos, mesmo nos processos revolucionários.

A metodologia foi baseada na etnografia produzida no cursinho por nós escolhido. A partir dela, os questionamentos foram produzidos, nos contextos observados no trabalho de campo realizado entre os anos de 2018 e 2020 e no diálogo com os estudantes e com os professores do cursinho. Fizemos uso de observação participante, entrevistas semiestruturadas e diário de campo.

Em se tratando da etnografia que fizemos, parece-nos válido trazer um trecho da entrevista com Lina, uma das professoras do cursinho. Ela relata quando conheceu Bak, um dos nossos principais interlocutores na pesquisa de campo, e como ela se interessou pelos estudos sobre Paulo Freire.

Quando eu cheguei, ele tava sendo construído ainda, né? Ele não tinha nome nem nada, né? Tinha só uma ideia bem incipiente, assim. E eu conheci o Bak primeiro, eu cheguei na ideia do cursinho através do Bak. Eu conheci o Bak em um curso que eu fiz lá na Ocupação X¹, um curso sobre educação popular, na perspectiva do Paulo Freire. A gente passou um final de semana inteiro lá, assim, imerso no curso discutindo bastante. Mas o curso era bem teórico, um cara de São Paulo, tal, e a gente não tinha uma perspectiva do que que aquilo, a gente não tinha uma perspectiva daquilo viraria, traria algum fruto. Mas lá nesse cursinho, nesse curso eu conheci o Bak e eu fiquei muito interessada, assim, né?, em botar em prática o que a gente tinha aprendido porque quando a gente estuda Paulo Freire a gente fica bem inflamada, a gente fica bem animada. E eu queria muito colocar aquilo em prática, porque a minha formação é em licenciatura, né? Eu já tava bem no meio assim, eu queria muito focar em prática, é... Mas não tava dentro de sala ainda. E aí, o Bak me falou, “olha eu faço parte de um movimento tal e a gente tá querendo... um cursinho popular aqui na Ocupação X”, né?, e aí ele me colocou dentro... E a partir disso, a gente começou lá no cursinho. Existia a ideia, bem incipiente, e a gente começou, né, a fazer várias reuniões, a gente começou a construir o cursinho a partir daí. Eu cheguei ele não tava pronto, eu cheguei e a gente foi construindo do zero, assim. Foi bem legal porque a gente tava bem embasado dessa ideia, né?, nessa ideia do Paulo Freire, nessa perspectiva da educação popular. E a gente construiu o cursinho construído nisso, fizemos baseado nisso. (SILVA, 2021, p. 161).

O processo de construção do cursinho surgiu da motivação por Paulo Freire, afinal, a leituras desse autor inflamam e nos inspiram a buscar alternativa aos fatalismos diante dos quais muitos desistem. Parece-nos adequado assinalar a frase de Lina, quando ela se mostrou estimulada a seguir adiante nos estudos sobre a educação popular, colocando-os em práticas no cursinho popular que estava sendo planejado, e que se concretizou na prática, naqueles anos de 2018 e 2019.

¹ Pseudônimo para Espaço Comum Luiz Estrela.

Considerações finais

Pelas vizinhanças e itinerários chegamos ao final deste trabalho, após movimentos um tanto excêntricos. Percorremos *paises bibliográficos* e por eles nos aventuramos, países de Freire e de Deleuze, buscando as fronteiras e as zonas indeterminadas entre ambos. Talvez seja possível produzir o devir pelo meio daquilo que eles escreveram e teorizaram; estando nós, leitores, a inventar novos caminhos e estradas, pontes e estações, sempre com a promessa de uma chegada provisória, mas fértil; para logo em seguida seguir adiante.

Tanto em Freire quanto em Deleuze notamos a dimensão transformadora do devir, sua transitoriedade e seu inacabamento. Ao mesmo tempo em que o devir-revolucionário pode ser percebido como uma potente ferramenta contra as linhas da dominação e do próprio Capitalismo, ele regula seus processos tendo o corpo como medida e limite. Ou seja, trata-se de uma construção permanente, uma zona de vizinhança entre as linhas de fuga e as linhas duras ou flexíveis. O devir-revolucionário não é uma condição estanque de quem planejou romper com as linhas do capitalismo, ou melhor, ele não cristaliza uma forma revolucionária. Não se vive nas linhas de fuga, e mesmo quem as experimenta, precisa usá-las com muita prudência. O procedimento não deixa de ter certo rigor, uma vez que o perigo de se tornar um esquizofrênico em trapo humano, do tipo que pode acabar mal nas redes enclausuradas do sistema psiquiátrico, existe de fato.

Fazer da vida uma ficção, confundindo os últimos limites entre ambos, pode levar o corpo a um desfecho trágico. Desse modo, mesmo o devir-revolucionário precisa, sim, ser vivenciado com cautela. Dito isso, o rigor das práticas e processos em Freire se alinhariam com os saltos entre as linhas duras, flexíveis e linhas de fuga. As distâncias entre os autores, nessa perspectiva, se encurtariam.

Por outro lado, o que queremos realçar é que a nossa opção do ponto de vista teórico foi na direção de produzir a diferença, ou seja, uma produção do desejo que potencializa nossos corpos de leitores e produz para cada um o seu *corpo-sem-órgãos*; aventura daqueles que saltam sobre as linhas de fuga. Dito de outro modo, o Deleuze que aqui elaboramos não precisa ser o mesmo

Deleuze dos deleuzianos. O mesmo vale para o nosso Paulo Freire, o qual não se enquadraria nos esquemas de outros leitores de Freire. Fizemos uso, portanto, de um espaço de liberdade para roubar certas ideias dos autores e neles fazer *os filhos pelas costas*, como narrado em anedotas antigas, bastante familiares aos leitores de Deleuze (nem tanto aos de Paulo Freire, suponhamos).

Não nos furtaremos de dizer que se trata muito mais de um estilo, de uma opção estética e ética, na qual o corpo se aventura, rompendo com os dualismos, na certeza de que nenhuma sensação se repetirá e que a transformação é um virtual, algo a se perseguir, ainda que fugidio e, muitas vezes, absurdamente próximo. É um corpo que se faz corpo muito antes dele ter uma alma, já que esta, por agora, não caberá a mais ninguém, pelo menos neste trabalho, atrever-se a desvelar.

Referências

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas, SP, Papirus. 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ; Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze [vídeo]. Produção de Éditions Montparnasse, realização de Pierre-André Boutang. Brasília: TV Escola; 1988/1989.

DELEUZE, Giles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio D'Água. 2004.

FREIRE, Paulo. A construção de uma nova cultura política. Fórum de participação popular nas administrações municipais. Poder local, participação popular e construção da cidadania. s/l, 1995.

PONTUAL, Pedro de Carvalho. Contribuições de Paulo Freire e da educação popular à construção do sistema educacional brasileiro. **Revista e-curriculum**. PUC-SP, Programa de pós-graduação em Educação. São Paulo, v.7 n.3 dezembro 2011. Edição especial de aniversário de Paulo Freire.

SAUL, Alexandre. SAUL, Ana Maria. A metodologia da investigação temática: elementos político epistemológicos de uma práxis de pesquisa crítico-emancipatória. **Revista e-Curriculum**, v.15, n.2, p. 429 – 454 abr./jun.2017, Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP.

SILVA, Gilbert Daniel da. **Cursinho popular pré-ENEM**: entre a educação libertária, a libertadora e a não-autoritária. Tese (Doutorado). Programa de pós-Graduação em Educação da PUC-Minas. 2021.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.